



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 516-545.

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA (AFI): ENLACES COM A PSICOLOGIA COGNITIVA

INTERPRETATIVE PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS (IPA): LINKS WITH COGNITIVE PSYCHOLOGY

Marijaine Rodrigues de Lima Freire
Alexsandro Medeiros do Nascimento
Antonio Roazzi

Resumo: Este trabalho visa trazer um maior esclarecimento acerca do papel da Psicologia Cognitiva dentro de uma abordagem fenomenológica, no caso a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), bem como a possibilidade de uso dessa ferramenta em estudos desse campo da Psicologia. Traz ainda um roteiro explicativo dos aspectos práticos para a condução de projetos com o uso dessa metodologia. A AFI nasceu no seio da Psicologia e caracteriza-se por abordar questões existenciais cotidianas importantes. Apresenta foco no participante, mas a ênfase interpretativa na construção dos significados recai tanto sobre este quanto no pesquisador, o qual lança mão de processos cognitivos como pensamento, linguagem, comportamento e criatividade em suas elucidações. Outras características importantes dessa abordagem são a sistematicidade e rigor de seus procedimentos, e sua abertura em dialogar com outras abordagens. Encontra-se em plena expansão, sobretudo na Europa, mas crescendo em popularidade no mundo, sendo cada vez mais usada por pesquisadores não só de Psicologia, como de outros campos das ciências empíricas devido as características apresentadas. Argumenta-se na direção de um diálogo fecundo e promissor entre os dois paradigmas - Análise Fenomenológica Interpretativa e Psicologia Cognitiva, superados os obstáculos epistemológicos ainda vigentes, para aprofundamento de compreensão do fenômeno cognitivo.

Palavras-chave: Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI); Psicologia Cognitiva; Fenomenologia; Pesquisa qualitativa.

Abstract: This article aims to provide further elucidation on the role of Cognitive Psychology within a phenomenological approach, in this case Interpretative Phenomenological Analysis (AFI), as well as the possibility of using this tool in studies in this field of Psychology. It also brings an explanatory script of the practical aspects for carrying out projects using this methodology. The AFI was developed within Psychology and is characterized by addressing important everyday existential issues. Focus on the participant, but the interpretive emphasis in the construction of meanings falls on both the participant and the researcher, who uses cognitive processes such as thought, language, behavior and creativity in their elucidation. Other important



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

characteristics of this approach are the systematicity and rigor of its procedures, and its openness to dialogue with other approaches. It is in full expansion, especially in Europe, but growing in popularity around the world, being increasingly used by researchers not only in Psychology, but also in other fields of empirical sciences due to the characteristics presented. It is argued towards a for a fruitful and promising dialogue between the two paradigms - Interpretative Phenomenological Analysis and Cognitive Psychology, overcoming the epistemological obstacles that are still in force, for a deeper understanding of the cognitive phenomenon.

Keywords: Interpretative phenomenological analysis (IPA); Cognitive Psychology; Phenomenology; Qualitative research.

A Fenomenologia se relaciona a abordagem qualitativa de pesquisa, teorizada e conceituada no início do século XX pelo matemático e filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), quebrando o paradigma da perspectiva positivista da ciência de então (Alase, 2017). Surgiu como um movimento filosófico que buscava entender o contexto das experiências vividas, ocupando-se da experiência humana em seus próprios termos, suspendendo categorias predeterminadas e permitindo a expressão dos fenômenos (Duque & Díaz-Granados, 2019). A teoria fenomenológica expandiu-se a partir dos discípulos de Husserl e outros estudiosos na tentativa de alinhar-se às metodologias de pesquisa qualitativa mais contemporâneas (Alase, 2017).

Assim, com base teórica advinda da fenomenologia husserliana, a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) constitui-se como uma inspiração fenomenológica para a pesquisa prática, uma vez que a perspectiva fenomenológica possui, por um lado, um foco no mundo da vida e, por outro, uma abertura para as experiências do sujeito (Willig, 2013). Faz parte de uma família de abordagens da psicologia fenomenológica, que diferem entre si quanto às suas ênfases teóricas e compromissos metodológicos, mas concordam amplamente sobre a relevância de uma perspectiva experiencial para a psicologia. Situa-se de maneira resoluta dentro da disciplina da Psicologia, oportunizando diálogos úteis entre as suas variadas tradições, contribuindo sobremaneira na constituição de um modelo de pesquisa possível para esta ciência (Eatough & Smith, 2017).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Foi conceituada e organizada por Jonathan Smith, Paul Flowers e Michael Larkin, na década de 1990, no Reino Unido, revolucionando individual e coletivamente o conceito de fenomenologia e dando início a uma nova tradição da pesquisa fenomenológica a partir de uma abordagem qualitativa muito mais aprimorada. Dito isto, no sentido de ser orientada para o participante, permitindo-lhe expressar suas vivências como achar melhor, e, consentindo ao pesquisador desenvolver uma relação de vínculo com aquele, oferecendo a este uma oportunidade de compreensão mais próxima das experiências trazidas pelos participantes da pesquisa (Alase, 2017; Eatough & Smith, 2017).

O destaque inicial da AFI foi dado com a publicação do artigo de Jonathan Smith em 1996, na revista *Psychology & Health*, intitulado ‘*Beyond the divide between cognition and discourse: Using interpretative phenomenological analysis in health psychology*’, no qual defendia uma abordagem qualitativa genuinamente da ciência psicológica e não importada de outro campo, com capacidade de captar tanto o vivencial quanto o qualitativo, mas sem perder o diálogo com a psicologia convencional (Alase, 2017).

Como uma metodologia surgida na ciência psicológica, a AFI chega na contramão das investigações mais tradicionais dessa ciência que, predominantemente, faz uso de abordagens baseadas nas ciências naturais, cujos modelos de investigação são orientados para a mensuração e explicação dos fenômenos, os quais são reduzidos a variáveis e cujos dados representam quantidades que resultam em respostas estatísticas. A AFI contradiz também, a visão positivista de que o mundo externo determina diretamente a percepção que se tem dele, pois esta não faz nenhuma afirmação sobre o mundo, nem questiona se os relatos obtidos dos participantes são ‘verdadeiros’ ou ‘falsos’ ou em que medida a percepção destes acerca do evento relatado corresponde a uma ‘realidade’ externa (Duque & Díaz-Granados, 2019; Willig, 2013).

A AFI traz uma nova abordagem que apresenta uma outra perspectiva de análise, cujo foco recai na noção de indivíduos como seres



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autointerpretantes, que estão ativamente engajados em interpretar suas vivências e tudo que os cercam como eventos, objetos e o outro, na busca de construir sentidos ao analisar como estes emergem de suas experiências. No entanto, ao mesmo tempo que dá importância a como os indivíduos vivenciam uma situação ou evento, também reconhece que os significados que estes atribuem aos eventos são o produto das interações entre os atores do mundo social, entendendo que as interpretações das pessoas não são totalmente idiossincráticas e flutuantes, mas sim, ligadas às interações e processos sociais que são compartilhados entre os atores sociais, numa perspectiva interacionista simbólica (Duque & Díaz-Granados, 2019; Smith & Eatough, 2010; Willig, 2013).

Sobretudo, AFI tem como objetivo, o significado particular que determinadas experiências têm para os participantes, as quais, dentro das possibilidades, são contadas pelos vários indivíduos participantes da pesquisa, buscando-se, ao máximo, evitar distorções, e, procurando, essencialmente, capturar, entender e ampliar essas experiências trazidas, individual e singularmente (Alase, 2017; Eatough & Smith, 2017). Faz-se isto de modo a explorar em detalhes as experiências pessoais, examinando minuciosamente como estes estão percebendo seu mundo pessoal e social (Smith & Eatough, 2010). Pesquisadores interessados neste tipo de investigação estão especialmente dispostos a realizar estudos com experiências dotadas de um significado especial, que até podem ser frequentes, mas possuem um valor experiencial único para quem as vivencia, sendo este valor, em termos de significado, o que interessa aos estudos da AFI (Duque & Díaz-Granados, 2019).

Inicialmente, a grande maioria dos trabalhos com o uso da AFI deu-se no campo da Psicologia da Saúde, ao qual se adequa muito bem, devido ao caráter de sua orientação às realidades experiencial e interpretativa dos próprios participantes. Posteriormente, expandiu-se de modo crescente para outros campos da psicologia, ampliando seus domínios de pesquisa (Alase,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

2017; Braun, Clarke & Weate, 2016; Eatough & Smith, 2017). Hoje é uma das abordagens qualitativas mais bem estabelecidas na psicologia do Reino Unido, que vem crescendo em popularidade e desenvolvimento, sendo cada vez mais usada por pesquisadores de psicologia em todo o mundo (Duque & Díaz-Granados, 2019; Eatough & Smith, 2017). Também vem chamando a atenção dos pesquisadores dos diferentes campos do saber, por causa do seu compromisso explícito em entender os fenômenos de interesse na perspectiva em primeira pessoa e por sua crença no valor do conhecimento subjetivo para a compreensão psicológica (Eatough & Smith, 2017).

A AFI não é a mais conhecida da família de abordagens psicológicas fenomenológicas, figurando como tal a Psicologia Fenomenológica Descritiva de Amedeo Giorgi (1931) (ver Giorgi, Giorgi & Morley, 2017). Contudo, parece ser a que mais busca compartilhamentos com outras visões, não se restringindo apenas às bases operacionais do procedimento descritivo husserliano, mas valendo-se de alguns requisitos e/ou critérios utilizados tanto entre os variados enfoques de sua própria família de abordagem, como entre os de outras perspectivas, com atenção especial à cognição e à linguagem como será visto na sequência (Duque & Díaz-Granados, 2019), o que a torna oportuna para uma frutífera triangulação tanto teórica quanto metodológica (e temática) com as ciências da cognição, em especial, a psicologia cognitiva.

1. ASPECTOS DUAIS DA AFI: BASES EPISTEMOLÓGICAS FENOMENOLÓGICA E HERMENÊUTICA E ENLACE COM COGNIÇÃO E LINGUAGEM

A AFI representa um tipo de estudo misto pelo fato de possuir bases epistemológicas tanto fenomenológicas quanto hermenêuticas, pois envolve, além da descrição, a interpretação, cuja ênfase recai sobre a construção do significado, que se dá tanto pela construção elaborada pelo participante quanto pela elaborada pelo pesquisador. Isso implica, por exemplo, o uso da Ciência Cognitiva, no sentido de ciência do significado e sua construção, trazendo a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognição como uma questão analítica central e, valendo-se desta apenas no que diz respeito aos aspectos relacionados à significação, deixando de lado o seu caráter de ciência do processamento da informação. A AFI também lança mão de alguns aspectos de outras metodologias qualitativas como a Análise Discursiva, ao reconhecer a importância da linguagem e sua influência na compreensão das experiências vividas, mas não compartilha desta, o aspecto que se refere à constituição da linguagem como o único e principal construtor da realidade (Smith & Eatough, 2010).

Ainda conforme esses autores, uma outra particularidade da AFI, é o compromisso com o nível de suas análises, que buscam a singularidade, empregando em profundidade a análise qualitativa, a partir da exploração da experiência pessoal vivida, com suas análises derivando do exame de estudos de casos individuais (perspectiva idiográfica), que permitem ao pesquisador formular afirmações específicas acerca dos participantes, diferentemente dos estudos nomotéticos que visam o universal, bem como comparações entre grupos.

No entanto, apesar da AFI defender a análise particular como parte intrínseca da avaliação psicológica, não desconsidera os estudos nomotéticos, que configuram a maior parte dos estudos empíricos na psicologia. Entende que, para a aquisição de conhecimentos, não deve haver posicionamentos do tipo 'ou isto' (nomotético) 'ou aquilo' (idiográfico), mas sim, que estes configuram dois modos distintos e válidos para se construir conhecimentos científicos. Argumenta ainda que, o exame intensivo do indivíduo em si mesmo é parte essencial da avaliação psicológica, mas também, que a via lógica para se alcançar as leis e as estruturas universais, devam se dar tanto pela via idiográfica quanto pela nomotética (Smith & Eatough, 2010). Entende-se, portanto, que essas vias não são mutuamente excludentes, e sim, complementares.

A base epistemológica da AFI é constituída pela Fenomenologia e pela Hermenêutica, o que resulta num método descritivo e interpretativo. Pelo lado



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

da Fenomenologia, a AFI está empenhada em esclarecer e elucidar o fenômeno, na medida do possível, em seus próprios termos, e não a partir de critérios conceituais e científicos preexistentes. Porém, diferindo do método fenomenológico tradicional, no sentido de não ter o interesse de transcender o particular, que busca a estrutura do fenômeno em si, mas sim, apreender como o fenômeno aparece à medida que é vivenciado por um indivíduo situado sócio-historicamente – ser-no-mundo heideggeriano (*dasein*)¹ – e o sentido percebido por este na experiência (Alase, 2017; Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).

Esses significados advindos da experiência do outro não podem ser acessados de maneira direta, pois se encontram no mais profundo do seu íntimo. Para sua apreensão faz-se necessário grande esforço e compromisso interpretativo do pesquisador, o qual encontra na teoria da interpretação denominada Hermenêutica uma segunda base epistemológica (Duque & Díaz-Granados, 2019), a qual possibilita dar visibilidade ao fenômeno e tornar seu significado inteligível. E, assim, tentar entender como o ser chega a estar-no-mundo das maneiras mais particulares encontradas e, por fim, descrever o entendimento alcançado (Eatough & Smith, 2017).

Para uma análise mais rica, que se aproxime mais da totalidade do mundo vivenciado pelo participante, o pesquisador também pode procurar acessar a experiência dos participantes através de um processo descrito como hermenêutica dupla. Por meio dele, a interpretação se dá tanto por parte do participante, ao tentar entender seu próprio mundo, quanto por parte do pesquisador, ao tentar entender o entendimento do participante acerca do seu próprio mundo. Pois, ao pesquisador interessa como a realidade aparece e é significada pelo participante (Smith & Eatough, 2010).

¹ *Dasein* - modo de ser e existir no mundo especificamente humano, o qual relaciona-se com o seu próprio ser, sempre projetando-se em mais possibilidades de ser (Heidegger, 2015).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo esses autores, o processo da hermenêutica dupla também pode ser pensado pelo pesquisador de outra maneira, a partir de uma combinação entre a hermenêutica empática e a crítica. Ambas se dando em um processo dinâmico, no qual pela hermenêutica empática, o pesquisador desempenha um papel ativo, ao tentar entender o que é ter o ponto de vista do participante diante de uma experiência, um evento, um objeto e, ao mesmo tempo, pela hermenêutica crítica, ele tenta refletir de modo mais crítico e especulativo, podendo, inclusive, tomar distância em relação ao relato do participante e propor-se questões, como por exemplo: ‘Tenho a percepção de que está acontecendo algo aqui que talvez o participante não tenha tido consciência?’ ou ‘Algo está se tornando público aqui e que não deveria se tornar?’ Ambos os modos interpretativos são válidos e podem compor um estudo da AFI.

Pois, nessa epistemologia coexistem múltiplas realidades resultantes das atividades e interações humanas dentro das diferentes culturas, cujos produtos advêm de processos holísticos e complexos, de modo que, não respondem a princípios de causa e efeito (Duque & Díaz-Granados, 2019), carecendo de metodologia, procedimentos de recolha de dados e análise diferenciados, para encontrar as respostas que preencham seus principais interesses, os quais dizem respeito à análise de como os indivíduos dão sentido às suas experiências e como explorar detalhadamente as mesmas, buscando por um significado particular que as experiências, os estados, os eventos e os objetos tenham para cada participante da pesquisa (Smith & Eatough, 2010).

AFI e a Psicologia Cognitiva

Como situada dentro da Psicologia, a AFI busca dialogar com as distintas tradições desta, o que contribui para a viabilidade de seus estudos. Particularmente com a Psicologia Cognitiva, com o aporte da Cognição Social, a ênfase da AFI recai sobre a construção do significado por ambas as partes dos sujeitos envolvidos, participante e pesquisador. Estes aproveitam dessa ciência o caráter apresentado que vai ao encontro da preocupação analítica central da



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

AFI, que é elucidar a relação entre o que as pessoas pensam (cognição), dizem (relato) e fazem (comportamento) (Smith & Eatough, 2010).

Mas, conforme esses autores, apesar de se utilizar da Psicologia Cognitiva enquanto ciência do significado e sua construção, absolutamente, a AFI deixa de lado o caráter referente ao processamento da informação, tão caro a essa ciência (psicologia cognitiva), diferindo também quanto a metodologia a abordar as questões anteriormente citadas. Pois esta, geralmente, lança mão da metodologia quantitativa e experimental, enquanto que a AFI, predominantemente, utiliza em profundidade a análise qualitativa, como pode ser visto em alguns estudos trazidos na sequência.

Pinto (2016), avaliou qualitativamente os efeitos de um programa de estimulação cognitiva num grupo de pessoas idosas, o qual mensura de modo quantitativo. Porém, ele pretendeu identificar para além das informações que os dados fornecidos pelo programa de estimulação (benefícios biofisiológicos e/ou neurológicos) lhe trariam, buscando investigar os benefícios psicológicos envolvendo sensações, sentimentos, estados positivos que a participação no referido programa poderia proporcionar. Como também, avaliar a potencialidade de aprendizagem e desenvolvimento apresentada por essa população neste momento final da vida. O uso da AFI como método qualitativo, permitiu uma maior aproximação do participante, alcançando os sentidos e os significados atribuídos por cada um deles àquela experiência, possibilitando averiguar com clareza os benefícios psicológicos em questão.

Neste outro estudo, Macedo et al. (2018), procuraram conhecer e analisar por meio da AFI as potencialidades e as dificuldades de pessoas portadoras de Esquizofrenia diante das Atividades Instrumentais da Vida Diária (AIVD), especificamente os componentes relacionados ao prejuízo das Funções Executivas. Os resultados obtidos mediante os relatos dos participantes, enfatizaram a insuficiência da referida população relativa ao seu desempenho ocupacional nas AIVD, indicando limitações no funcionamento das Funções Executivas, que impactam negativamente na realização das



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

atividades cotidianas. Assim, evidenciou-se a relevância de programas de reabilitação específicos para essa população, visando melhorias cognitivas e funcionais. Para além dos objetivos, também foi percebida a influência de fatores ambientais no enfrentamento das dificuldades salientadas, sugerindo-se a necessidade também de reabilitação psicossocial.

Um outro estudo realizado com a AFI, envolve o processo cognitivo da aprendizagem. Foi realizado por Arantes (2017), tendo como objetivo analisar e caracterizar o processo de aprendizagem do empreendedorismo em equipes de fundadores de Novas Empresas de Base Tecnológica (NEBTs), considerando que para ocorrer a aprendizagem é preciso haver interação social, participação, formação de identidade e influência contextual, entendendo que o contexto em que a equipe se encontra influencia diretamente na sua aprendizagem e vice-versa. Os resultados obtidos possibilitaram a captação dos significados mais profundos da experiência de aprendizagem do empreendedorismo, permitindo analisar o impacto do contexto, a relevância das relações interpessoais a nível interno e externo e o fortalecimento dos capitais humano e social de uma equipe, de modo a ocorrer a aprendizagem mútua, visando o desenvolvimento de habilidades e recursos cognitivos relevantes para o enfrentamento dos desafios que se apresentarem, de modo a reduzir as possibilidades de ocorrência de problemas interpessoais, passíveis de levar ao insucesso da empresa.

AFI e outras abordagens qualitativas

A pesquisa qualitativa apresenta uma diversidade epistemológica, com aspectos que podem tanto convergir como divergir. A AFI se constitui como uma das abordagens qualitativas descritas como psicologia fenomenológica, as quais compartilham um compromisso com a exploração da experiência pessoal vivida. Porém, cada uma apresenta diferentes ênfases ou técnicas, e, com as quais a AFI também dialoga e compartilha alguns aspectos. Com a abordagem da Análise do Discurso, por exemplo, a AFI compartilha a importância da



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

linguagem e como essa influencia na maneira como os indivíduos compreendem suas experiências vividas, sobretudo, como os pesquisadores interpretam a elaboração do sentido feita pelos participantes da pesquisa. Mas não compartilha com essa abordagem a afirmação de que a realidade é construída única e principalmente pela linguagem (Smith & Eatough, 2010).

A AFI também trabalha em conjunto com outras abordagens qualitativas, como pode ser visto no estudo realizado por Spiers e Riley (2019), que teve como objetivo desvendar as barreiras da busca de ajuda para sofrimentos psíquicos em Clínicos Gerais do Reino Unido. As autoras tinham o intuito de explorar os dados obtidos na pesquisa em amplitude e profundidade, para isso, submeteram os mesmos a uma análise dupla, aplicando a Análise Temática e a AFI. Os resultados obtidos demonstraram tanto amplitude quanto profundidade, tanto interpretação explícita quanto hermenêutica, tanto pragmática quanto existencial, concluindo assim, que os dois métodos se complementam, produzindo uma compreensão multifacetada dos fenômenos investigados.

Neste outro estudo, Almeida (2012), teve como objetivo analisar os processos que caracterizam, pessoal e contextualmente, a experiência de transição psicossocial do desemprego involuntário para a criação do próprio emprego, e como estes se influenciam e interagem, em participantes do sul da Europa. Para tal, utilizou-se de um misto de Análise de Conteúdo e AFI, evitando da primeira, sua tradicional análise categorial baseada na lógica hipotético-dedutiva com categorias e subcategorias definidas *a priori*, e, acatando a análise categorial assumida pela AFI, a qual dá ao pesquisador um papel ativo no processo de dar inteligibilidade aos dados recolhidos, bem como, permite uma análise fina do problema investigado e uma compreensão do fenômeno em questão numa lógica indutiva. Os resultados encontrados mostraram uma experiência de aspectos e elementos variados que ultrapassa divisões isoladas.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

2. CONFIABILIDADE E CREDIBILIDADE DE UM ESTUDO AFI

A pesquisa qualitativa de um modo geral, enfrenta problemas relacionados à credibilidade e à confiança em seus resultados, os quais precisam garantir que todo o processo de investigação, envolvendo procedimentos, coleta e análise de dados, tenham sido realizados adequadamente, de modo que os resultados e conclusões alcançados reflitam, o mais próximo possível, a realidade investigada (Duque & Díaz-Granados, 2019). Para tal, deve desenvolver mecanismos ou ferramentas que permitam que todo o processo da pesquisa possa ser totalmente autenticado para que os resultados espelhem o objetivo desejado, de compreensão da experiência a partir da perspectiva do participante (Alase, 2017).

Segundo Duque e Díaz-Granados (2019), a literatura tem proposto variados critérios para esse alcance, sendo que um dos mais citados diz respeito ao método que utiliza triangulação, para o qual lança-se mão, em um mesmo estudo, de distintos métodos, técnicas, fontes e coleta de dados, podendo-se estender a triangulação até com os pesquisadores, de modo que mais de um possa coletar e analisar os dados de um mesmo trabalho. Tal estratégia pode ser utilizada como uma ferramenta de confirmação e verificação dos dados, e também como uma proteção para o estudo frente as possíveis tendências e vieses dos investigadores, podendo se chegar a uma compreensão mais aprofundada do estudo, proporcionando uma maior confiança nos resultados apresentados.

Além da triangulação, Alase (2017), traz os seguintes mecanismos/ferramentas que devem constar como validação de pesquisas da IPA ou de qualquer coleta e análise de dados fenomenológicos, são eles: confiabilidade, verificação de membros e auditoria, além de um quinto mecanismo, qualidade e verificação. Este último citado tem a função de ajudar a validar e verificar se os quatro anteriores estão realizando o trabalho de validação e verificação dos dados e descobertas fenomenológicas do estudo, examinando de modo mais abrangente todas as informações coletadas, na



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tentativa de garantir que cada uma delas cumpra, pelo menos, os padrões mínimos exigidos para se obter resultados credíveis e transferíveis para uma pesquisa AFI, pois é recomendável que desde o processo de realização de uma investigação até a sua conclusão, haja muita atenciosidade quanto à qualidade da pesquisa.

Pontua ainda que, a qualidade dos dados da pesquisa e a capacidade de verificar e autenticar os dados e resultados de um estudo científico são muito importantes em investigações qualitativas, sobretudo numa abordagem de análise interpretativa, em que a veracidade de sua afirmação e autenticação precisa ser irrepreensível. Para tal requer um maior compromisso com os procedimentos de coleta de dados com qualidade e precisão e os resultados de pesquisa transferíveis e verificáveis.

3. O CONCEITO DE *GEMA* E SUA POTÊNCIA ANALÍTICA

Gema é um conceito proposto por um dos autores da AFI, Jonathan A. Smith, em 2011. Refere-se a uma ferramenta interpretativa para a psicologia qualitativa experimental de um modo geral, mas resultando de muito valor para os estudos da AFI. *Gema* pode ser entendida como uma observação singular ou um pequeno extrato de uma entrevista inteira, que salta para o pesquisador, atraindo-o e sugerindo-lhe um palpite, que pode vir a ser a chave para entender a compreensão de uma pessoa sobre seu mundo. Possui como principal característica, a capacidade de iluminar e aprimorar a interpretação e o entendimento dos dados coletados, com possibilidade de fornecer impulso analítico, iluminação do fenômeno investigado e até transcrever uma entrevista ou todo o corpus de dados (Eatough & Smith, 2017).

O autor do conceito propôs um espectro de três tipos de gemas conforme a potência da expressão, que reside em sua capacidade de transmitir o impacto psicológico do fenômeno, a saber: Brilhante, Sugestivo e Secreto. Seus significados são pontualmente informados aqui, seguindo as definições trazidas pelos autores citados (Eatough & Smith, 2017), a saber:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

-**Brilhante:** é uma expressão literalmente verdadeira e manifesta, requerendo um menor esforço interpretativo do pesquisador para descobrir o significado. Ex.: relato de uma mãe judia acerca da circuncisão de seu filho, "*Todo mundo está assistindo meu filho ser cortado em pedaços*". (p. 19). É brilhante pela potência da expressão, capaz de transmitir o impacto psicológico de um procedimento considerado simples, requerendo uma menor investigação para descobrir o significado, o qual é absolutamente verdadeiro;

-**Sugestivo:** expressão de significado menos manifesto, menos presente, em que o pesquisador precisa se esforçar mais para encontrar o significado, movendo-se repetidas vezes ao redor e dentro do círculo hermenêutico (ver Eatough & Smith, 2017); e,

-**Secreto:** expressão mais ilusória, podendo ser facilmente perdida, mostrando-se apenas a partir de uma absorção atencional sobre o material, permitindo que a pequena parte que contém a expressão 'secreta' seja iluminada pelo corpus maior no qual está inserida (Eatough & Smith, 2017).

4. COMO CONDUZIR UMA PESQUISA AFI

Número ideal de participantes e a questão da generalização

Para um estudo AFI, geralmente utiliza-se uma amostra de participantes pequena, pois o que mais importa é a maior aproximação possível de cada vivência relatada pelos participantes. A análise é demorada e sempre se inicia com uma interpretação detalhada das particularidades, primeiro fornecendo uma descrição pormenorizada de cada caso antes de passar a procurar padrões de convergência e divergência entre os casos. Pois, para que o resultado se mostre satisfatório, envolve o compromisso com o nível de análise, a riqueza dos casos individualmente, como se pretende comparar ou contrastar os casos relatados, além das restrições pragmáticas relativas à temática do trabalho (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).

Desport-Coelho e Cardoso (2019), realizaram um estudo utilizando a abordagem AFI, que contou com um único participante, no qual foi usada a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

metodologia de estudo de caso para a operacionalização da investigação. Um outro estudo envolveu um grupo de seis participantes apresentando uma característica comum (ver Pinheiro, 2017) e outro, também envolvendo um grupo de 21 participantes, que tiveram uma experiência de vida comum (ver Ryninks et al., 2014). Também pode-se fazer estudos com a AFI em delineamento longitudinal, como por exemplo, o realizado por Snelgrove (2014), no qual usou-se entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados dos participantes, em número de dez, em três momentos no decorrer do período de tempo da pesquisa.

Observa-se nessa explanação uma variação de número de participantes nas pesquisas, mas sempre obedecendo ao requisito idiográfico da AFI, que defende o exame intensivo do indivíduo por si só, recomendando um número reduzido e preferencialmente homogêneo, que pode variar entre um e trinta, voltando-se mais para a extremidade inferior (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010). Reid, Flowers e Larkin (2005), referem que na maioria das vezes, é recomendado um número máximo de 10 participantes, havendo vantagens para amostras menores e estudos de caso. Apontam ainda que a utilização de amostras maiores, geralmente são em função do uso de grupos focais ou para efeito de comparação. Nestes casos, a exploração de um fenômeno a partir de múltiplas perspectivas pode servir de ajuda ao analista da AFI, no desenvolvimento de um relato mais detalhado e multifacetado do fenômeno investigado.

Algumas instituições de psicologia chegaram a um consenso de que um número apropriado para um estudo AFI englobaria de seis a oito participantes, pois seria um número suficiente para se investigar semelhanças e diferenças individuais, com riqueza de detalhes, sem que houvesse sobrecarga para o pesquisador. Contudo, salientam que esta não seja tomada como regra, devendo-se considerar para a definição das fronteiras de uma amostra relevante os diversos fatores que envolvem uma investigação como situações, o que se



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pretende investigar, se o assunto é comum ou incomum entre outros (Smith & Eatough, 2010).

Conforme Eatough e Smith (2017), com amostras reduzidas e homogêneas, pode-se entrevistar os participantes várias vezes, bem como incorporar quaisquer padrões que venham a emergir no decorrer do estudo, contribuindo para um contexto individual mais rico e mais detalhado. Esse contingente mais reduzido e homogêneo de participantes oportuniza atender o compromisso explícito da AFI na compreensão dos fenômenos investigados, sempre da perspectiva em primeira pessoa, bem como sua crença no valor do conhecimento subjetivo para a compreensão psicológica.

Percebe-se, assim, que são vários os fatores determinantes do tamanho de uma amostra da AFI, desde restrições práticas, passando pela riqueza de casos individuais, até o compromisso em atender uma abordagem de caráter idiográfico. Contudo, muito embora a AFI queira manter uma postura flexível e não prescritiva em relação a questões metodológicas, envolvendo tamanho e estratégia da amostra, forma de coleta de dados entre outros, confia cada vez mais que os estudos com N=1, tenham um lugar central nas abordagens psicológicas qualitativas (Eatough & Smith, 2017).

Explica-se esta priorização de amostras reduzidas pelo que se observa de que a maior preocupação da AFI consiste em como os indivíduos percebem o mundo e como o experienciam, ao invés da natureza objetiva do mundo, entendendo que estes podem experimentar as mesmas condições ‘objetivas’, como por exemplo uma determinada doença, mas de maneira totalmente diferente, uma vez que cada vivência é mediada pelos pensamentos e crenças, expectativas e julgamentos que o indivíduo traz para ela, ou seja, atribuem significados aos eventos vividos, e estes moldam suas experiências desses mesmos eventos (Willig, 2013).

Assim, o uso de amostras pequenas e homogêneas possui uma intenção clara, que é a de examinar convergências e divergências mais detalhadamente, primando pela qualidade em detrimento da quantidade. Pois, há uma



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

preocupação em fazer jus a cada relato, com análise detalhada caso a caso, para o qual uma amostragem aleatória não seria proveitosa, uma vez que há a pretensão de que a questão da pesquisa tenha relevância e significação para os participantes, sugerindo-se, inclusive, que estes tenham perfis sociodemográficos similares (Alase, 2017; Smith & Eatough, 2010), e o critério de aleatorização na composição amostral dê lugar ao mais relevante de se ter uma amostra intencional.

Desse modo, as generalizações dar-se-iam de duas maneiras: Empírica, a partir do acúmulo e comparação de estudos similares com grupos de outras características sociodemográficas; e Teórica, envolvendo a comparação com outros casos, outras alegações conceituais na literatura existente, experiência do pesquisador, entre outras (Smith & Eatough, 2010). Pois, como uma perspectiva idiográfica, a AFI sempre parte do particular, garantindo que quaisquer generalizações sejam fundamentadas no particular, entendendo que o caminho lógico para as leis e estruturas universais começa por uma base idiográfica (Eatough & Smith, 2017).

Coleta de dados

Para a coleta de dados, preferencialmente, faz-se uso de entrevistas semiestruturadas, são mais flexíveis, envolvem a situação histórica e cultural dos entrevistados, considerando suas linguagens, normas e práticas sociais. Estas são realizadas em presença dos participantes, atentando para o mundo experiencial (vivido) destes, com o pesquisador adotando uma posição de sondagem, sendo, ao mesmo tempo, empático e crítico. No entanto, o método da entrevista, não é exclusivo nem um pré-requisito para a AFI, podendo-se obter ricos relatos a partir de outros métodos de coleta como diários, relatos pessoais, relatos autobiográficos, narrativas que, inclusive, podem se dar na modalidade *online*, além de diários escritos durante um determinado período de tempo. Contudo, a entrevista é de longe a maneira mais comum e mais usada de coletar dados na AFI, por razões como interação em tempo real com o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

participante, oferecendo maior flexibilidade ao pesquisador e facilitando aquele uma melhor exploração de sua experiência de vida (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).

Conforme Breakwell (2010a), o modelo de entrevista permite ao pesquisador maximizar as chances de se obter conclusões significativas, válidas e fidedignas, e, sendo altamente adaptativo, tanto no formato quanto na função, pode ser usado em qualquer etapa do processo de pesquisa, desde o inicial, passando pelo intermediário e até o final, para fins que podem envolver identificação de áreas ou assuntos; ser parte do projeto e da validação de instrumentos que o componham; ser o principal meio de coleta de dados; bem como para verificação de resultados. Não se limitando a determinada teoria, orientação epistemológica ou tradição filosófica.

Assim, a entrevista semiestruturada constitui o método-modelo da AFI, configurando um modelo que envolve uma parte totalmente estruturada, na qual há um conjunto fixo de questões proposto numa determinada ordem, e uma parte não estruturada, que permite um intercâmbio com o entrevistado. Desse modo, questões imprevistas que venham a surgir da parte estruturada e que nesta seriam perdidas, podem ser respondidas e/ou complementadas a partir de respostas abertas permitidas pela parte não estruturada, uma vez que nesse modelo as questões e sua ordem não são fixas (Breakwell, 2010a; Smith & Eatough, 2010).

Tal modelo de entrevista além de facilitar o diálogo entre o investigador e o participante, também estimula o surgimento de novas áreas a explorar, correspondendo assim, ao objetivo da AFI que é alcançar o mundo experiencial do participante, tentando entendê-lo a partir da perspectiva deste, pois o tem como um especialista experiencial do tópico investigado (Duque & Díaz-Granados, 2019; Smith & Eatough, 2010).

Formulação de questões e roteiro a ser seguido



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

As questões da AFI envolvem assuntos de interesse do pesquisador, no entanto, são usadas como um modo de orientação no curso da entrevista e não como imposição, pois exploram também possíveis novidades interessantes trazidas pelo participante, podendo, inclusive, serem advindas de outra área de investigação (Smith & Eatough, 2010). Recomenda-se que um estudo AFI não contenha um número demasiado de questões e que as mesmas resumam a essência do que se investiga, devendo haver uma ou duas perguntas centrais (gerais), seguidas por algumas perguntas secundárias (específicas), em torno de cinco a sete, importando serem abertas e exploratórias (Alase, 2017; Duque & Díaz-Granados, 2019).

Para iniciar a entrevista recomenda-se começar com questões referentes ao momento presente e de caráter geral, seguindo um critério lógico que requeira menor exigência e relevância emocional, para só depois vir as que requeiram maior compromisso psicológico e exigência reflexiva. De acordo com esse critério, há uma facilitação na condução da entrevista, de modo a promover um certo conforto ao participante no momento posterior em que se dará um aprofundamento do tema, gerando maior sensibilidade e exigindo um maior processo de reflexão (Duque & Díaz-Granados, 2019).

Geralmente uma entrevista bem-sucedida incluirá questões tanto específicas quanto gerais, transitando entre os dois tipos de forma livre e sem emendas, pois um roteiro de entrevista AFI bem elaborado permite que o pesquisador possa mudar a sequência estipulada conforme se adequar melhor às respostas do entrevistado, podendo, inclusive, distanciar-se das questões do roteiro, tomando o cuidado para que este distanciamento não vá além do que seja pertinente e esclarecedor para a questão geral do projeto (Smith & Eatough, 2010).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Questões de Cognição Quente e Cognição Fria

Questões de Cognição Quente e/ou Cognição Fria fazem referência às questões de pesquisa que se adequam mais a uma pesquisa AFI e como elaborá-las, uma vez que sua maior preocupação ao captar os dados a serem trabalhados, é explorar profundamente as experiências vividas trazidas pelos participantes e como estes as compreendem e elaboram os sentidos. Desse modo, há uma ênfase na força de uma abordagem indutiva aberta, tanto para a coleta de dados quanto para as análises, conhecida no mundo científico como pesquisa do “grande Q”, que vem a ser a ampla estrutura dentro da qual a pesquisa qualitativa é conduzida, com aplicação de técnicas qualitativas dentro de um paradigma qualitativo, em oposição a uma condução de estrutura mais positivista/quantitativa tradicional, conhecida como “pequeno q” (Braun, Clarke & Weate, 2016; Smith & Eatough, 2010).

Em síntese, essa divisão “pequeno q” e “grande Q” é usada para classificar a pesquisa qualitativa em relação ao ponto de apoio mantido em modelos de pesquisa com tendência mais positivistas/quantitativos, e aquele totalmente de perspectiva qualitativa, respectivamente (Braun, Clarke & Weate, 2016).

A preferência da AFI por questões abertas tem o objetivo de gerar descrições mais ricas e detalhadas do fenômeno sob investigação. O que faz com que as questões buscadas, frequentemente, se enquadrem nas grandes questões da psicologia, aquelas que são importantes para as pessoas e que, de alguma forma, mudam ou influenciam o modo como estas pensam sobre si mesmas e seu lugar no mundo, como na questão: “*De que modo o fato de educar uma criança influi na expressão de angústias por parte dos pais?*” Como também, aquelas que podem gerar transformações, no sentido de trazerem consequências significativas para os participantes, que podem ser permanentes ou relacionada a um momento crítico da sua vida, e dizerem respeito à identidade e à autopercepção, como na questão: “*Como é tomada a*



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

decisão sobre fazer ou não um teste genético?” (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).

Assim, a completude das análises, realizadas em profundidade, dos relatos individuais obtidos na coleta, quase sempre tocam o *self* e a identidade. Tudo isso faz com que as questões de pesquisa da AFI precisem ser elaboradas de modo específico e bem definido ou com um amplo alcance, gerando questões que resultem em ‘cognição quente’, referentes àquelas questões na vida de uma pessoa que são ardentes, emotivas e dilemáticas, por exemplo: “*O que uma pessoa sente quando sente ciúmes?*”, e ‘cognição fria’, envolvendo reflexões de longo prazo no decorrer da vida, por exemplo: “*Como as pessoas encaram a ideia de não ter filhos?*” Como também as questões já citadas, relativas à hermenêutica dupla, empática e crítica, por exemplo: “*O que o participante está tentando fazer com esse relato?*” (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).

Essa apropriação da cognição pela IPA, é epistemológica e metodologicamente diferente das preocupações disciplinares próprias à Psicologia Cognitiva. A IPA a concebe dilemática, afetiva e corporificada, cuja preocupação está em desvendar a relação entre o que as pessoas pensam, dizem e fazem. Com seus estudos buscando demonstrar que quando as pessoas estão pensando e deliberando sobre eventos significativos em suas vidas, esse pensamento é existencial, é um aspecto do estar-no-mundo e não simplesmente uma atividade cognitiva apartada e independente, porém, não deixa de ser cognição (Eatough & Smith, 2017).

Esses autores pontuam que cada vez mais, há evidências de que os pesquisadores que fazem uso da AFI, estão participando de forma mais explícita da experiência corporal, especialmente na experiência emocional, seguindo ao lado da criação de sentido e das ações mentais, oportunizando ainda, uma conexão direta com o recente interesse às questões do afeto. Com isso, buscam espaço colaborativo com os cientistas cognitivos, que por sua vez, estão recorrendo à filosofia fenomenológica e incorporando-a. De modo que,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

para a AFI, a cognição está no centro do projeto fenomenológico, mas aí tratar-se-á de uma cognição dinâmica, multidimensional, afetiva, incorporada/corporificada e intrinsecamente conectada com nosso envolvimento com o mundo.

Registro dos dados

Todos os dados obtidos da entrevista, incluindo a fala do pesquisador, devem ser inteiramente gravados (em áudio e/ou vídeo), mediante prévia autorização dos participantes, podendo também haver tomadas de notas escritas por parte do pesquisador, mas cuidando para não perder o foco da investigação, e, posteriormente, tudo deve ser descrito, excetuando-se a prosódia (acento, entonação, etc., característicos de sons de fala) (Duque & Díaz-Granados, 2019; Smith & Eatough, 2010). Na descrição deve-se deixar espaço suficiente, à direita e à esquerda do papel, para comentários e colocações analíticas, de modo que a exposição narrativa transite entre a descrição e os diferentes níveis de interpretação, diferenciando as palavras do participante da análise do pesquisador (Smith & Eatough, 2010).

Para os autores citados, tais relações podem ser construídas diferenciando as palavras dos falantes (por ex.: pesquisador e participante) e as palavras da parte interpretativa (por ex.: interpretação do pesquisador e participante), mas também pode se dar textualmente, numa única sessão temática. Tanto um modo como o outro podem aparecer no texto separadamente ou já entremeados por discussões analíticas mediante a literatura existente, e, ambas as formas requerem bastante tempo. Os registros requerem uma forma de armazenamento seguro e robusto que possa proteger tanto os dados da pesquisa quanto promover o sigilo, proteção e segurança dos participantes (Alase, 2017).

Análise dos dados



Num estudo AFI, o processo de análise de dados se dá por uma série de etapas, nas quais o pesquisador diante do material descrito na entrevista (ou outra forma de coleta), deve fazer uma imersão total nos dados, de maneira altamente empática, procurando se colocar no lugar do participante, de modo a se tornar mais sensível ao que foi dito. Isso permitirá que ele extraia evidências de elaboração de significado tanto por parte do participante em relação ao assunto investigado como por parte de si mesmo enquanto pesquisador, a partir de seu arcabouço proveniente da psicologia, da qual retira e aplica conceitos e teorias (Smith & Eatough, 2010).

Na sequência, uma série de etapas analíticas, conforme Duque e Diaz-Granados (2019), que podem ser seguidas, mas não devem ser tomadas como uma receita ou como um único modo de fazer, uma vez que a AFI não é uma abordagem prescritiva, mas de normas flexíveis que podem ser adaptadas às circunstâncias e necessidades de acordo com o objetivo da pesquisa e do pesquisador. Em geral seguem as etapas descritas:

Etapa 1 – Transcrição das entrevistas (ou outra forma de coleta) e leitura e releitura rigorosa e detalhada dos dados, com elaboração de comentários iniciais, pois a cada releitura novos *insights* surgirão e vão sendo anotados na margem deixada na transcrição da entrevista. Estas anotações constituem observações interessantes e significativas percebidas pelo pesquisador mediante análises dos fragmentos de fala, performando um parafraseado em associação com o que vem à mente daquele através da leitura, além de interpretações preliminares, ressaltando frases que sejam chamativas e tragam conteúdos emocionais importantes. Salienta-se que nem todos os trechos da transcrição geram comentários ou notas na margem, algumas não possuirão relevância e significado a ser interpretado e outras apresentarão riqueza semântica considerável.

Etapa 2 – Na sequência, deverá haver um retorno a essas mesmas anotações para elaboração sintetizada dos temas que emergiram das mesmas, os quais



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

devem ser anotados na margem oposta das anotações iniciais, com o uso de uma linguagem mais técnica, tentando relacionar o que o participante expressou com a teoria psicológica correspondente. Para tal faz-se uso de diferentes estratégias como por exemplo, o agrupamento (agrupar as declarações significativas em unidades maiores chamadas de ‘unidades de significado’ ou ‘temas’ (ver Alase, 2017)) e as técnicas de escrutínio (procurar coisas/temas cuidadosamente, linha por linha (ver Ryan & Bernard, 2003)) e de processamento - sistema de classificação que pode ser informal ou informatizado (*software*) (ver Ryan & Bernard, 2003; Duque & Díaz-Granados, 2019).

Etapa 3 – Nesta etapa todos os temas que emergiram deverão ser trasladados para uma folha de papel e para um documento em um processador de textos. Também podem ser usados programas de computador para análises de dados qualitativos. Em seguida, os temas serão agrupados semanticamente conforme princípios ou similaridades conceituais ou temáticas, seguindo uma relação lógica. Os agrupamentos serão nomeados descritivamente conforme o grupo de temas relacionado.

Etapa 4 – Após o processo de agrupamentos, o pesquisador elaborará uma tabela de temas, que será acompanhada de uma apresentação ordenada dos mesmos, considerando todos os temas, principais e secundários. Aqueles receberão um marcador (palavra-chave), que terá a função de permitir a análise e busca da fonte textual da qual surgiu, correspondente à transcrição e ao número da linha correspondente à transcrição da entrevista (ou outro material-fonte), possibilitando retornar à transcrição e analisar o excerto.

Duque e Díaz-Granados (2019), referem ainda que todo esse processo será realizado em tantas quantas forem as entrevistas e/ou materiais analisados, gerando uma tabela para cada caso. Após a elaboração da primeira tabela, as demais podem seguir duas alternativas, realizar a análise dos demais casos a partir da tabela temática do primeiro caso, recomendada para muitos casos, ou recomeçar cada uma do zero, seguindo todas as etapas descritas, buscando



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

identificar semelhanças e diferenças entre os tópicos, recomendada para um número pequeno de casos.

Por fim, deve-se construir uma tabela mestre, representando a experiência de todos os participantes, devendo-se priorizar os tópicos superordenados (principais) que serão levados em consideração para análise, tendo em vista que, alguns tópicos principais serão descartados, com base em quão bem eles estão fundamentados, de modo a conseguir articular a estrutura temática da experiência do conjunto de casos.

A última etapa da análise é o processo formal de redação. Nela, o pesquisador expõe de modo narrativo (ver Breakwell, 2010b), as atividades que transitaram entre a descrição dos casos e os diferentes níveis de interpretação, explicitando aos leitores o que os participantes da pesquisa experimentaram e como eles vivenciaram o fenômeno investigado, de um modo contextualizado. Precisa ainda, tomar o cuidado de diferenciar o que foi dito pelo participante e a análise do pesquisador, matizando com excertos literais de falas e com a teoria relacionada (Alase, 2017; Smith & Eatough, 2010).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AFI possui uma maneira dinâmica e evolutiva de fazer pesquisas, refletindo criticamente seu desenvolvimento, lançando mão fortemente de processos cognitivos como pensamento, discurso, comportamento e criatividade. Para tal requer que seus pesquisadores assumam uma certa dose de sensibilidade imbuída de fundamentos filosóficos, ao adotar uma postura fenomenológica e hermenêutica que os ajude a alcançar seus objetivos de pesquisa. Os quais vão emergindo a partir de uma experiência muito aproximada junto ao participante, na qual ambos se valem de suas habilidades pessoais criativas na tentativa de uma compreensão mais aprofundada das experiências, para que se possa verdadeiramente explorar o fenômeno investigado (Eatough & Smith, 2017; Smith & Eatough, 2010).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Normalmente, os estudos da AFI exploram questões existenciais de considerável importância para o participante, abordando questões que são importantes para as pessoas e que são passíveis de promover transformação, trazer mudanças ou influenciar o modo como estas pensam sobre si mesmas e seu lugar no mundo, exigindo das mesmas uma maior reflexão e reinterpretação. Esse foco no significado dos participantes, próprios da AFI, pode resultar numa emergência de padrões dentro do estudo, que podem ser cognitivos ou não, como por exemplo uma preocupação com a identidade e um senso de si (autoconceito), uma vez que, determinados eventos e tópicos significativos podem ter um efeito considerável no senso de si, que vêm à tona a partir das análises detalhadas das experiências individuais vividas (Eatough & Smith, 2017).

Como qualquer abordagem que faça uso da entrevista em sua metodologia, a AFI apresenta fragilidades. Estas estão relacionadas à construção das questões, aos vieses introduzidos pelo pesquisador e pelo participante, à inadequação dos meios de comunicação e mecanismos de registro, que devem ser usados com cautela, reconhecendo suas limitações, e entendendo que suas virtudes são passíveis de se sobrepor a estas limitações (Breakwell, 2010a).

Na atualidade, a AFI representa uma perspectiva completamente legítima e bem fundamentada, que está em plena expansão, sendo amplamente reconhecida na ciência psicológica, sobretudo em países de língua inglesa. Por ser de muito fácil acesso em relação à outras abordagens qualitativas, vem sendo usada para abordar uma gama cada vez maior de questões de pesquisa em uma variedade crescente de disciplinas (Duque & Díaz-Granados, 2019; Eatough & Smith, 2017), como também em subdisciplinas da própria psicologia, como o destaque dado nesta reflexão sobre o diálogo fecundo entre as perspectivas AFI e da Psicologia Cognitiva.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para um maior esclarecimento acerca das bases teóricas constituintes da AFI, e de aspectos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

práticos que envolvem a execução de um projeto com essa metodologia. Bem como, promover uma maior reflexão acerca de como a Ciência Cognitiva compõe também suas bases epistemológicas, esclarecendo ainda ser possível a inserção da Fenomenologia em trabalhos da Psicologia Cognitiva, que podem e devem se dar por meio de pesquisas qualitativas, que como foi visto, fornecem resultados ricos, robustos e significativos. Essa aproximação entre os dois campos de pesquisa, e o diálogo entre suas epistemes fundacionais, se garantem pelo atestar da cientificidade da própria AFI, dada a defesa de seus proponentes (ver Smith & Eatough, 2010), de que a cientificidade da AFI reside no fato de buscar uma sistematicidade em seus procedimentos, mas, sem fugir da dualidade que a caracteriza, que tem relação direta com a sua flexibilidade inerente.

Referências

- Alase, A. (2017). The interpretative phenomenological analysis (IPA): A guide to a good qualitative research approach. *International Journal of Education and Literacy Studies*, 5(2), 9-19.
- Almeida, J. G. D. (2012). *Percursos alternativos: Transições empreendedoras*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Arantes, F. P. (2017). Aprendizagem do empreendedorismo em equipe: influências contextuais sobre novas empresas de base tecnológica. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, Universidade Federal de Goiás, Goiás).
- Braun, V., Clarke, V., & Weate, P. (2016). Using thematic analysis in sport and exercise research. In: B. Smith & A. C. Sparkes (Eds.), *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise* (pp. 191-205). London: Routledge.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Breakwell, G. M. (2010a). Métodos de entrevista. In: G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw & J. A. Smith. *Métodos de pesquisa em psicologia* (pp. 238-259). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Breakwell, G. M. (2010b). O uso do autorregistro: Métodos de diário e de narrativa. In: G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw & J. A. Smith. *Métodos de pesquisa em psicologia*. (pp. 260-277). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Desport-Coelho, I., & Cardoso, F. M. dos S. (2019). Da casuística à intervenção: análise interpretativa fenomenológica de um caso de anorexia. In *10.º Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente, intitulado "Psicoterapia e outras abordagens terapêuticas"*, 10, 25-27. Recuperado de: <http://actas.lis.ulusiada.pt/index.php/cipca/issue/view/13>
- Duque, H., & Díaz-Granados, E. T. A. (2019). Análisis fenomenológico interpretativo. *Pensando Psicología*, 15(25), 1-24.
- Eatough, V. & Smith, J. A. (2017). Interpretative phenomenological analysis. In: C. Willig & W. Stainton-Rogers (Eds.), *Handbook of Qualitative Research in Psychology* (pp. 193-211) 2nd Edition. London, UK: Sage.
- Giorgi, A., Giorgi, B. & Morley, J. (2017). The Descriptive Phenomenological Psychological Method. In: C. Willig & W. Stainton-Rogers (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research in psychology* (pp. 176-192). London, UK: Sage.
- Heidegger, M. (2015). *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Macedo, M., Marques, A., Queirós, C., & Mariotti, M. C. (2018). Esquizofrenia, atividades instrumentais de vida diária e funções executivas: uma abordagem qualitativa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(2), 287-298.
- Pinheiro, C. Á. (2017). *Psicopatia e as relações interpessoais: Um estudo fenomenológico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Universitário na área de Psicologia Clínica, Sociais e da Vida (ISPA),



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Alfama,

Portugal.

Recuperado

de:

<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6027>

- Pinto, A. D. (2016). *Como é percebida uma tarefa de estimulação cognitiva indutora de Flow por um grupo de pessoas idosas: um estudo qualitativo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Reid, K., Flowers, P., & Larkin, M. (2005). Exploring lived experience. *The Psychologist*, 18(1), 20-23.
- Ryan, G. W., & Bernard, H. R. (2003). Techniques to identify themes. *Field methods*, 15(1), 85-109.
- Ryninks, K., Roberts-Collins, C., McKenzie-McHarg, K., & Horsch, A. (2014). Mothers' experience of their contact with their stillborn infant: an interpretative phenomenological analysis. *BMC pregnancy and childbirth*, 14(1), 1-10.
- Smith, J. A. & Eatough, V. (2010). Análise fenomenológica interpretativa. In: G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw & J. A. Smith (Eds.), *Métodos de pesquisa em psicologia* (pp. 322-339). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Snelgrove, S. R. (2014). Conducting qualitative longitudinal research using interpretative phenomenological analysis. *Nurse Researcher*, 22(1), 20-5. doi: 10.7748/nr.22.1.20.e1277
- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology*. Maidenhead, UK: McGraw-Hill Education.
- Spiers, J., & Riley, R. (2019). Analysing one dataset with two qualitative methods: The distress of general practitioners, a thematic and interpretative phenomenological analysis. *Qualitative Research in Psychology*, 16(2), 276-290.

Recebido: 30/3/2021. Aceito: 15/6/2021.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Sobre autores e contato:

Marijaine Rodrigues de Lima Freire

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: jaine.freire@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7990-0348>

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi